

**OS GRUPOS DE MARACATU DE BAQUE VIRADO NA CIDADE DE
MANAUS – AM**

**THE MARACATU GROUPS OF BAQUEVIRADO IN THE CITY OF
MANAUS – AM**

**LOS GRUPOS DE MARACATU DE BAQUE VIRADO EN LA CIUDAD DE
MANAOS – AM**

Jéssica Silva de Souza¹ <https://orcid.org/0009-0009-9497-9945>

Paola Verri de Santana² <https://orcid.org/0000-0001-7725-9190>

RESUMO

O fenômeno do maracatu de baque virado na cidade de Manaus, manifestação cultural pouco familiar à realidade amazônica, começa a apresentar registros a partir de 2009 com a formação do grupo Eco da Sapopema. Se em 2006 não havia registro de maracatu em Manaus, hoje há evidências da formação de seis grupos. Um dos objetivos desta pesquisa foi analisar a presença do maracatu em Manaus e identificá-los com base em observação em campo. Os maracatus mantêm vínculos na cultura afro-brasileira e definem territórios de interesse para cada grupo, através de locais e fatos motivadores às práticas de ensaios e apresentações. A prática metodológica foi realizada entre os anos 2010 e 2023, consistindo na observação participante mais sistematizada nos anos de 2018 e 2019. A isso somaram-se os trabalhos de campo e o acompanhamento dos perfis nas redes sociais para descrição das atuações dos grupos pesquisados. A questão norteadora foi saber quais espaços da cidade esses grupos de maracatu costumam se apropriar da capital do Amazonas. A identificação de como o espaço urbano está sendo ocupado pela prática dos maracatus em meio a certos bairros da cidade foi reveladora da expressão da cultura negra pernambucana em terras amazonenses.

Palavras-chave: Manaus. Maracatu. Espaço Urbano.

ABSTRACT

The phenomenon of maracatu in Manaus, a cultural manifestation unfamiliar to the Amazon reality, begins to present records from 2009 with the formation of the group Eco da Sapopema. In 2006 there was no record of maracatu in Manaus, today there is evidence of the formation of

1 Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), formou-se como técnica em Meio Ambiente no Instituto Federal no Amazonas (IFAM). E-mail: ahsjessica.souza@gmail.com

2 Professora Associada III do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, atua na Pós-Graduação de Geografia e no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia - NEPECAB. Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Pernambuco (1994), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1998) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2006). E-mail: pvsantana@ufam.edu.br

six groups. One of the objectives of this research was to analyze the presence of the maracatu in Manaus and identify them based on field observation. The maracatus maintain ties to the Afro-Brazilian culture and define which territories are of interest to each group, through locations and motivating facts for the practices of rehearsals and presentations. The methodological practice was carried out between 2010 and 2023, consisting of more systematised participant observation in 2018 and 2019. In addition, there was fieldwork and monitoring of social media profiles to describe the activities of the groups being researched. The guiding question was to know which spaces of the city these maracatu groups usually appropriate in the capital of Amazonas. The identification of how the urban space is being occupied by the practice of maracatus amidst certain neighborhoods of the city was revealing of the expression of Pernambuco black culture in Amazonian lands.

Keywords: Manaus. Maracatu. Urban Space.

RESUMEN

El fenómeno del maracatu en Manaos, manifestación cultural poco familiar a la realidad amazónica, comienza a presentar registros a partir de 2009 con la formación del grupo Eco da Sapopema. Si en 2006 no había registro de maracatu en Manaos, hoy hay evidencia de la formación de seis grupos. Uno de los objetivos de esta investigación fue analizarla presencia de los maracatu en Manaos. Los maracatu mantienen vínculos en la cultura afrobrasileña y definen cuáles son los territorios de cada grupo, a través de lugares y hechos motivadores para las prácticas de ensayos y presentaciones. La práctica metodológica fue realizada entre los años 2010 y 2023, consistiendo en observación participante más sistematizada en 2018 y 2019. Además, hubo trabajo de campo y monitoreo de perfiles en redes sociales para describir las actividades sus presentaciones. La pregunta orientadora fue saber qué espacios de la ciudad que estos grupos maracatu su el enapropiarse en la capital de Amazonas. La identificación de cómo el espacio urbano está siendo ocupado por la práctica del maracatu en medio de determinados barrios de la ciudad fue reveladora de la expresión de la cultura negra pernambucana em tierras amazónicas.

Palabras clave: Manaos. Maracatu. Espacio urbano.

INTRODUÇÃO

As manifestações culturais afro-brasileiras vêm se transformando no contexto da globalização fazendo com que expressões tradicionais pernambucanas se incluam nesse processo. A tese intitulada “Maracatu: a centralidade da periferia” (SANTANA, 2006) observa o processo de reprodução dessa expressão da chamada cultura popular, antes local, ultrapassando limites regionais, nacionais e mesmo internacionais. Nesse trabalho, a autora caracteriza o processo de difusão dos maracatus pernambucanos em direção a diversas capitais e cidades brasileiras e do mundo, no formato de grupos percussivos. Expressões dos maracatus de baque virado têm se difundido espacialmente, mas é no contexto da realidade amazônica, em particular, de Manaus, que a pesquisa ora

apresentada se insere. O maracatu ganha visibilidade onde era tema pouco familiar. Não obstante a presença afro-brasileira na Amazônia, a observação é a de que Manaus somente começa a apresentar registros de semelhantes expressões dos maracatus pernambucanos por volta de 2009 com a formação de grupo pioneiro, ainda existente, Eco da Sapopema. Esses movimentos associados a jovens, vivendo em Manaus, vão ser estudados a partir de 2010, iniciativa que adquire sistematização após 2018. Em 2006 não havia sido identificado nenhum grupo de maracatu em Manaus em pesquisa de Santana (2006), quando espacializou uma nova geração dessa cultura pernambucana fora desse estado de origem. A pesquisa que ora se apresenta evidencia a existência de seis diferentes grupos nascidos no Amazonas denominados: Baque Mulher, Quebra Muro, Pedra Encantada, Eco da Sapopema, Maracatu do Cacilda e Nação GEAP (Grupo de Expressões Artísticas e Populares). Vale ressaltar, entretanto, que hoje ativos há apenas três em Manaus. Contudo, é preciso considerar o dinamismo dessas práticas no sentido da rotatividade de pessoas envolvidas.

A aproximação com esses grupos, por meio de uma pesquisa participante possibilitou a análise dessa realidade nas formas de trabalho de campo e de buscas nas redes sociais, Instagram basicamente, com consultas a partir de 2018 às postagens dos grupos iniciadas por volta de 2014. Procedimentos metodológicos complementares a uma investigação documental e bibliográfica, frente à literatura existente e aos registros em arquivos também constituíram etapas do trabalho.

A pesquisa revela a existência de contradições na medida em que antigos maracatus nação no Recife têm a religiosidade afro-brasileira entre seus fundamentos e se inovam dia a dia e os grupos de maracatus se expressam com mais veemência através da reprodução do som do baque virado dos tambores do que através de expressões religiosas. A nova geração de maracatus fora do estado de Pernambuco tende a se limitar apenas ao trabalho com a música e a dança, reproduzindo e recriando o que os tradicionais e centenários maracatus nação praticam na Região Metropolitana do Recife. Nesse contexto, Sandroni (2013, p. 27) diz que:

[...] nas culturas populares de Pernambuco, o conteúdo da tradição é objeto de acirradas disputas; não há um consenso sobre o que, exatamente, é tradicional ou não; há discussões acaloradas sobre as (perenes) disputas e os acordos (provisórios) entre a “tradição” e a “modernidade”

Sandroni (2013) discute a ideia de “tradição” quando a questão se trata da chamada “cultura popular” no contexto pernambucano. Podemos dizer que há contradições entre

os discursos sobre tradição por envolver estratégias de sobrevivência, lutas entre nações e entre grupos percussivos e formas de superação frente a tendência à mercantilização e à espetacularização das antigas práticas ligadas ao carnaval recifense, às religiosidades afro-brasileiras e às instituições dos reis negros, estas últimas estudadas por autores diversos (GUERRA-PEIXE, 1980; MACCORD, 2001; SOUZA, 2002). Além de se discutir processos, funções, formas e estruturas do passado em comparação com o presente, entendemos que a componente espacial também seja um diferencial na construção dessas relações e práticas.

Neste sentido, a reprodução do baque virado, musicalidade percussiva fora do grande Recife faz surgir expressões culturais criativas e inovadoras em contextos externos como o observado em Manaus - Amazonas. Apropriado por moradores de Manaus, a presença desses maracatus é considerada tardia se levado em conta a histórica presença dos negros nessa cidade. Daí a necessidade de fazer menção aos referenciais originários do maracatu, que parecem se diluir ao mesmo tempo em que cresce a curiosidade e a vontade de conhecer as tradições afro-brasileiras de Pernambuco. Como resultado, pode-se entender a complexa apreensão das novas espacialidades dos maracatus, como formas de modernização, como a intensificação do uso de veículos midiáticos e viagens para apresentações e oficinas por parte tanto das “nações de maracatu”, algumas delas centenárias, como dos “grupos de maracatus”, espalhados em várias cidades brasileiras e do mundo. Alguns esforços tomaram por base um mapa da tendência a uma mundialização desta manifestação, um produto que tende a se inserir na economia da cultura. A disseminação de hábitos culturais ligados à musicalidade e à dança dos maracatus de baque virado também tem sido registrada em cidades como Nova Iorque, Londres, São Paulo, Rio de Janeiro. Cleison Leite Ferreira e Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (2016) apresentam um mapeamento desse processo de expansão geográfica nacional e internacional dos grupos de maracatu, indicando o sentido dos deslocamentos e onde há, no Brasil e em outros países, registros espaciais dessa expressão da cultura originária de Pernambuco. Manaus se insere nesse contexto.

A noção de periferia tem sido associada a um conjunto de contradições entre distância socioeconômica e proximidade geográfica, inclusive dispersão e descontinuidade espacial de saberes através de redes de trocas culturais que se estabelecem. O espaço da cidade tido como periferia do Recife e de Olinda ganha outro sentido quando se apresenta como centro das raízes e heranças culturais que vão ser “exportadas” para outras partes do Brasil e do mundo. Nesse processo, a cultura popular tende a ser reproduzida e capturada pelo processo de reprodução do capital, mas também serve como mediação e estratégia de lutas políticas e sociais.

Considerando a escassez de pesquisas no que se refere a realidade dos maracatus de Manaus, este trabalho se propõe a contribuir para novos estudos. Tratando do contexto pernambucano da década de 1990, no Recife e em Olinda, Walter Ferreira de França Filho (2016), em dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco, apontou que “Os Maracatus-Nação existem, sobretudo, nas periferias da cidade, e possuem características peculiares como, em sua maioria, composto por pessoas negras, afro-religiosas, seu batuque e ligação com as comunidades a qual pertencem.” (FRANÇA FILHO, 2006, p. 59). Partindo do pressuposto de que há processos diferentes entre a história dos maracatus em Manaus e a do Recife e de Olinda, cabe pensar os limites quanto à possibilidade de analisar os maracatus manauaras em relação às nações pernambucanas.

Os grupos de maracatu surgidos recentemente no contexto urbano manauara se inserem na questão colocada por autores como Patrícia Melo Sampaio (2011), que denunciam um silenciamento da presença negra e de seus elementos culturais na região mencionada, em especial, no Amazonas. A autora justifica explicando que frequentemente é usado o argumento de uma presença quantitativa inferior, caso comparado a dos povos indígenas. (SAMPAIO, 2011, p. 16). No entanto, Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos, em tese de Doutorado em Antropologia Social defendida em 2022 na Universidade Federal do Amazonas, estima haver cerca de 300 casas de culto afro na capital amazonense. Para ilustrar, ressalta a presença do tambor de Mina, da Umbanda, da Quimbanda e dos Candomblés como expressão da afro religiosidades em Manaus (SANTOS, 2022).

Diferenças e semelhanças regionais quanto à história da presença afro-brasileira no Norte e no Nordeste poderiam ser objeto de estudos em diversos contextos, mas o que

se evidencia aqui é a relevância da entrada desses maracatus, de modo recente, enquanto elementos que se somam às expressões de matriz africana previamente existentes em Manaus.

As relações sociais dentro dos maracatus e dentro dos espaços urbanos dependem da formação cultural, política e econômica dos envolvidos. A pesquisa lida com noções de sociabilidade, apreendida em Martins (2000), inerentes as tensões historicamente ligadas à escravidão, à falta de liberdade de culto religioso, às diferenças de gênero, classe, cor e grau de instrução. Neste contexto, a dificuldade se revela na medida em que a oralidade, ditada por pessoas e segredos, pode ser tomada como parte do processo de valorização diferenciada entre as nações de maracatu e essa nova geração dos grupos de baque virado. Manaus hoje recebe integrantes de nações recifenses para dar oficinas a praticantes dos grupos da capital amazonense, por exemplo. Essas iniciativas proporcionam dias de vivência que são trocas culturais. Atualmente há também uma grande disponibilidade de informações e aulas transmitidas via internet em que os saberes daqueles portadores da cultura popular pernambucana são disseminados para quem quiser acompanhar em outras partes do Brasil e do mundo.

Essa difusão cultural vem acompanhada de questões de classe, gênero e raça/cor, segundo Jailma Maria Oliveira (2013). A mídia pernambucana enfatizava, nos anos 2000, a presença de jovens nesse movimento de reprodução dos maracatus nos moldes de uma nova geração de grupos de baque virado, de modo inclusive a apontá-los como estar se tornando “coisa de branco” ou um “movimento de rico”. Ainda assim, continuam a representar historicamente uma forma de resistência das pessoas escravizadas e negras. Jamily Souza da Silva (2012), em diálogo com as proposições de João José Reis, ao se referir ao contexto baiano do final do início do século XVIII e meados do XIX, mostra os discursos em jornais que colocavam as festividades afro-brasileiras como uma ameaça a um projeto europeu de cultura. (REIS (2001) apud, SILVA, 2011). A história das tensões sociais faz parte das heranças da escravidão africana e da cultura negra no Amazonas e contém elementos que já estavam postos antes da entrada dos maracatus em Manaus.

Para além de uma transposição entre as dinâmicas contemporâneas referentes ao Nordeste, a qual a experiência da escravidão, do tráfico e da repressão das autoridades coloniais e imperiais a suas manifestações culturais ajudam a explicar, buscamos iluminar as peculiaridades de um “maracatu amazônico” considerando suas influências recebidas.

A nova espacialidade da cultura popular recifense refere-se ao momento em que o maracatu assume diferentes dimensões espaciais, quando começa a ser consumido como espetáculo e quando se torna espetáculo de consumo. Quando o maracatu é dissociado do período carnavalesco e dos lugares dessa festa recifense. Observa-se a mudança de escala dessa manifestação folclórica, saindo do estritamente local para atingir o nacional e o internacional (SANTANA, 2006, p. 220).

Os maracatus sob o ponto de vista de suas dinâmicas espaciais em Manaus possuem especificidades que divergem de algumas nações ancestrais do Recife, como por exemplo homens vestidos com saias durante suas apresentações. As loas, por sua vez, nem sempre são de própria autoria, mas sim reproduzidas daquelas existentes nas nações de Porto Rico, Encanto do Pina e Leão da Campina. O Maracatu Eco da Sapopema comprova que existe também na prática manauara uma relação dinâmica de reinvenção. Algumas loas e o próprio nome “eco da sapopema” fazem menção ao contexto Amazônico.

Durante a pesquisa, foram observadas as oficinas mensais, as participações e apresentações em eventos tanto em Manaus quanto em Parintins³, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e em programas de televisão locais, também atividades escolares, rodas de conversa, festivais, exposições e em manifestações políticas. Nesse sentido, foi possível realizar um levantamento de dados sobre o modo como esses grupos se organizam espacialmente e atuam na cidade de Manaus, sendo notória a sua visibilidade e participação em questões político-sociais, por exemplo, o ato pela democracia “#EleNã”, ocorrido no dia 29 de setembro de 2018, no Largo de São Sebastião, Centro de Manaus, lugar de fácil acesso que abriga um dos principais pontos turísticos da cidade, caso do Teatro Amazonas.

As explicações a seguir, não estabelecem meras comparações, mas com elas se detectam até que ponto os grupos em Manaus seguem a “tradição” iniciada no século XIX na realidade nordestina. Contudo, vale entender as versões manauaras sob o ponto de vista de sua própria lógica.

3 No 54º Festival folclórico de Parintins, por exemplo, o boi-bumbá Caprichoso convidou a mestra Joana Cavalcante para participar, pois havia uma temática marcada para exaltar o matriarcado e a raiz afro, uma toada se encaixava ao culto de Jurema Sagrada, sendo a mestra líder do maracatu Encanto do Pina, do Recife, símbolo de combate ao machismo e candomblecista que cultua a Jurema Sagrada.

AS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

Os primeiros registros do maracatu em Manaus foram obtidos por meio da contribuição de jornais locais (“Em Tempo”, “Jornal do Amazonas”, “Acrítica”), “blogs” (“CulturArte Pesquisa”, “Rede Tiradentes”, “Blog da Floresta”, “Diário do Amazonas” etc.) e notícias relacionadas com a programação cultural da cidade classificados na área de lazer e entretenimento. Para ilustrar, convém citar algumas das matérias lidas: Maracatu de opinião: movimento cultural comemora dois anos com oficinas gratuitas (ACRÍTICA, 2018), Maracatu Eco da Sapopema celebra seus sete anos com muita música (ACRÍTICA, 2016), Maracatu Baque Mulher Manaus (ALVES, 2017), Maracatu Eco da Sapopema celebra cinco anos de sucesso (D24AM, 2014), Parque dos Bilhares oferece oficina gratuita de maracatu (D24AM, 2017), Caprichoso chama primeira mestra de maracatu no mundo para festival (FEITOZA, 2019), Oficina gratuita ensina técnicas de maracatu no Liceu Claudio Santoro (G1 AM, 2017), Tacacá na Bossa terá Casa de Caba e Maracatu Pedra Encantada, em Manaus (G1 AM, 2018), Oficina de Maracatu para iniciantes no Parque Municipal Ponte dos Bilhares (MANAUS, 2017), Parque dos Bilhares terá celebração da cultura negra nesta segunda-feira (RT — Rede Tiradentes, 2017) e Ponta Negra terá área exclusiva para manifestações culturais e religiosas de matriz africana (RT — Rede Tiradentes, 2015). Observa-se a difusão do maracatu na mídia local passando a constituir atrativo e espaços-tempos culturais em Manaus.

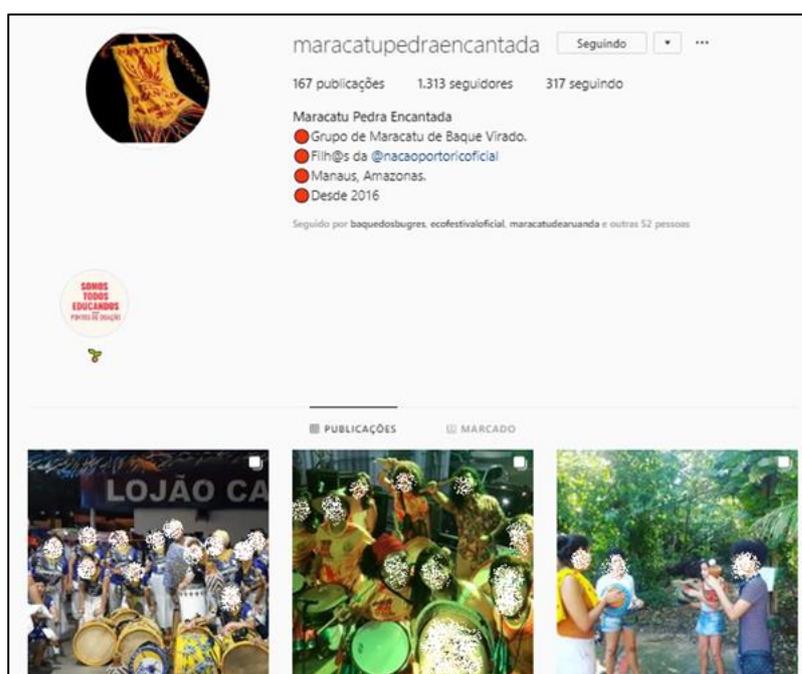
Algumas representações divulgadas de jornais não explicavam exatamente o que era o maracatu, mas afirmavam que os eventos eram gratuitos, em locais acessíveis e agendados com datas compatíveis com feriados ou finais de semana na tentativa de atrair a população manauara. A nota abaixo citada pelo portal G1, datada em 11 de abril de 2018, expressa breve convite a conhecedores e/ou curiosos quanto à prática do maracatu na cidade:

A 3ª temporada do Tacacá na Bossa contará com show da banda Casa de Caba e o grupo Maracatu Pedra Encantada, a partir das 19h, no Largo de São Sebastião, no Centro de Manaus. O acesso é gratuito.

O Maracatu Pedra Encantada será o primeiro a subir ao palco, com apresentação de uma hora. A Casa de Caba entra em seguida e, no final do show, os grupos se juntam para tocar três músicas. (G1, 2018, sem página)

Para dar maior visibilidade aos maracatus em Manaus, os grupos percussivos tomaram a iniciativa de aderir ao uso das mídias alternativas, por exemplo, *Instagram*, sendo uma realidade virtual que eles podem tanto divulgar seus trabalhos e atividades quanto interagir e responder a qualquer dúvida dos seguidores ou amigos do perfil através de mensagens rápidas e diretas. Essa estratégia fornece uma comunicação tanto entre os grupos locais e seus integrantes quanto àqueles de outras regiões por meio da conta criada no mundo virtual sem determinar um limite no número de publicações, de seguidores, de mensagens, curtidas e comentários. O *Instagram* é um dos inúmeros recursos oferecidos pela *internet* para facilitar o relacionamento social, mas é em espaços da cidade como a rua ou a praça que o encontro acontece de forma mais direta.

Figura 1 - Perfil do Maracatu Pedra Encantada

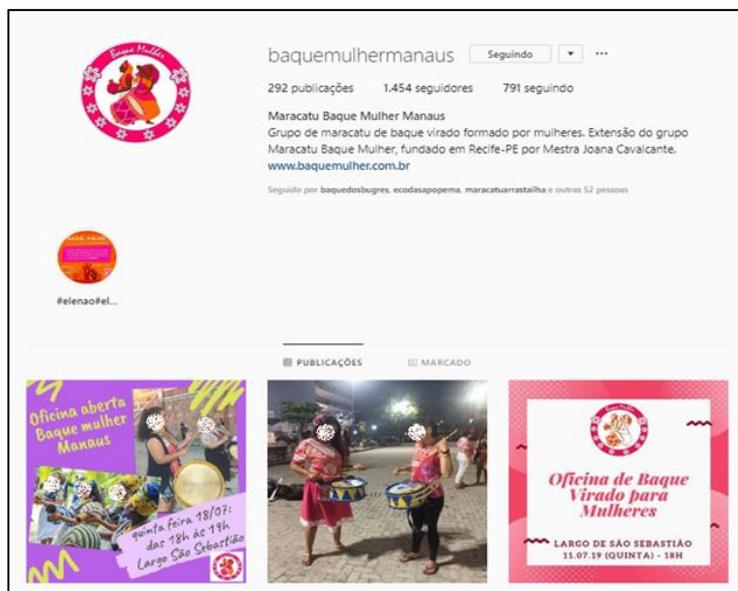


Fonte - Página no *Instagram* do Maracatu Pedra Encantada (2018).

Org. Autores.

A página no *Instagram* do Maracatu Pedra Encantada (Fig. 1) contava com 167 postagens, 1.313 seguidores e seguia 317 perfis em 2018.

Figura 2 - Perfil do Maracatu Baque Mulher Manaus

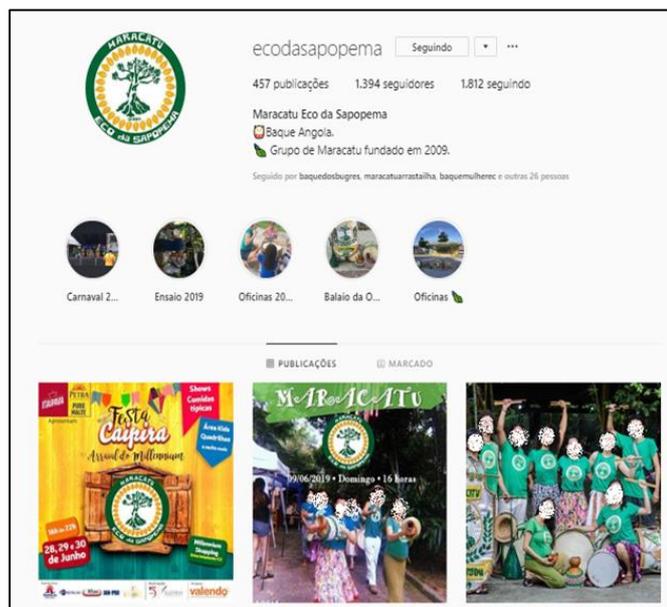


Fonte - Página no *Instagram* do Maracatu Baque Mulher Manaus (2018)

Org. Autores.

A página no *Instagram* do Maracatu Baque Mulher Manaus (Fig. 2) contava com 292 postagens, 1.454 seguidores e seguia 791 perfis no ano de 2018.

Figura 3 - Perfil do Maracatu Eco da Sapopema



Fonte - Página no *Instagram* do Maracatu Eco da Sapopema, 2018.

Org. Autores.

A página no *Instagram* do Maracatu Eco da Sapopema (Fig. 3) registrava 457 postagens, 1.394 seguidores e seguia 1.812 perfis em 2018.

Essas informações oferecem uma noção da comunicação e da rede de relações existentes no universo das manifestações afro-brasileiras, em particular, as do baque virado em Manaus. Interessante é ver no perfil do Maracatu Pedra Encantada que são filhos da Nação Porto Rico do Recife (PE). Já o do Maracatu Baque Mulher Manaus diz ser extensão do grupo Baque Mulher fundado no Recife, portanto, ambos os manauaras fazem referência a influências pernambucanas. Ao mesmo tempo em que os praticantes manauaras reconhecem a influência de expressões recifenses, os maracatus recifenses também estabelecem vínculos com essa nova geração. Nesse sentido, o movimento negro em Manaus tende a reconhecer essas novas práticas na cidade como expressões da herança afro-brasileira na capital amazonense. Estas manifestações culturais fazem parte de um leque mais amplo que evidencia a presença negra no estado do Amazonas, e que, de acordo com Patrícia Melo Sampaio (2011), foi silenciada e apagada das narrativas que dizem respeito ao estado. Segundo a autora: “Um silêncio persistente, que insiste em apagar memórias, histórias e trajetórias de populações muito diversificadas que fizeram desta região um espaço de luta e sobrevivência” (SAMPAIO, 2011, p. 8).

MARACATU RECIFENSE E MARACATU MANAUARA

As origens do maracatu nação de baque virado pernambucano têm sido investigadas com dificuldade e controvérsias. De acordo com César Guerra-Peixe, em um dos livros mais consultados sobre o que denominou “Maracatus do Recife”, existem imprecisões com relação as fontes que dizem respeito a essa manifestação (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 13). O autor define o maracatu da seguinte maneira:

Os autores modernos concordam que o Maracatu seja um cortejo real cujas práticas são reminiscências decorrentes das festas de coroação aos reis negros, eleitos e nomeados na instituição do Rei do Congo. Desse modo, talvez encontraremos as possíveis origens brasileiras do divertimento recifense, bem como a ocasião do seu aparecimento, se indagarmos: a) a época mais remota da instituição do Rei do Congo; b) algumas relações que atariam os negros organizados em grupos, quer administrativamente, quer quanto às festas profano-religiosas outrora praticadas; c) a maneira como a qual algumas reminiscências perduram até os nossos dias. (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 13)

Os momentos de ápice do maracatu no Recife são principalmente durante o carnaval, festa que exprime uma concepção do mundo em um ato profano, que ocorre antes do período litúrgico da Quaresma, tempo sagrado entre os cristãos. Segundo Mikhail Bakhtin: “quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição.” (BAKHTIN, 1987, p. 4)

No Recife destacavam-se o Maracatu Leão Coroado e o Maracatu Elefante com particularidades, por exemplo através dos nomes. “Os animais também representariam símbolos sagrados, presença associada há pelo menos dois dos maracatus em atividade desde o século XIX. São animais existentes na África que dão nome as nações” (SANTANA, 2012, p. 68). Guerra-Peixe aponta que o tigre, o elefante e, posteriormente o pavão, representam a África, pois é de onde o maracatu se inspirou. (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 36-37). A pesquisa tem examinado que esses elementos não se aplicam para o contexto dos maracatus manauaras, que possuem outros critérios para se nomearem e escolherem suas cores.

Um dos primeiros grupos em Manaus foi o Maracatu Eco da Sapopema, tendo sido fundado por migrantes oriundos do Sudeste do Brasil, onde teriam começado a praticar o baque virado. Assim, o dia 24 de maio de 2009 é a referência mais antiga da presença dessa expressão da cultura pernambucana no Amazonas, pois marca a data de criação desse grupo que utiliza as cores verde e laranja e usa uma sapopema⁴ como símbolo em seu estandarte. Assim, com a construção de uma identidade em respeito a uma árvore com sapopema, característica de raiz que se inicia na parte aérea, sendo capaz de emitir som, os integrantes relacionam os tambores às antigas formas de comunicação entre indígenas dentro da floresta. Isso dá significado à proposta do grupo que é contribuir para uma maior compreensão da cultura afro-brasileira. No aniversário de 9 anos do grupo Eco da Sapopema, foram convidados outros de Manaus, além de atrações musicais que variaram desde grupos de pagode a cantores e bandas locais.

Conforme foi analisado nas observações de campo, toadas, vestimentas, publicações em rede social e outros, é correto afirmar que foram os batuqueiros do Eco da Sapopema que deram origem aos demais grupos existentes na capital amazonense.

4 O termo sapopema se refere a uma característica da raiz apresentada em algumas árvores e que pode variar o formato iniciado na parte aérea conforme Alencar (1998) segundo cinco tipos: estendida, equilátera, empinada, trapezoidal e em arcos.

Essa divisão entre eles ocorreu pelo fato de escolhas divergentes, afiliações culturais com outras Nações recifenses, sendo elas: Nação Encanto do Pina, fundado em 1980, Nação Porto Rico, registrado com fundação no ano de 1916 e Nação Estrela Brilhante do Recife, com início marcado em 1906.

Foi observado que especialmente três dos seis maracatus de Manaus apresentaram uma programação significativa ao longo de 2018, sendo eles o Pedra Encantada, o Eco da Sapopema e o Baque Mulher, portanto, capaz de desvinculá-los do período carnavalesco. Na realidade, outras datas ganharam importância, como no caso, a celebração no dia 20 de novembro em conformidade a Lei Ordinária nº 84, de 08 de julho de 2010, que institui no calendário oficial do estado do Amazonas o aniversário da morte de Zumbi dos Palmares e o Dia Nacional da Consciência Negra, como feriado estadual.

No entanto, os demais maracatus de Manaus também atuam fora do calendário do carnaval. No dia 28 de maio de 2017, por exemplo, ocorreu o I Encontro de Maracatus de Manaus, realizado no Parque Ponte dos Bilhares, um espaço urbano da cidade, localizado às margens do igarapé do Mindu entre as avenidas Djalma Batista e Constantino Nery, no bairro Chapada, zona Centro-Sul. Os arredores desse espaço verde livre são heterogêneos quanto aos aspectos residenciais e comerciais, marcados pelo Shopping Millennium e pelo Pátio Gourmet, um dos supermercados mais caros de Manaus, a cada lado do parque. Há ainda nas proximidades desse parque algumas edificações como o Atlantic Tower (empresarial), o Ibis Budget e o Hotel Express Vieiralves (empreendimentos hoteleiros), o Amazonas Shopping e o Manaus Plaza Shopping & Convenções, além de estabelecimentos de educação como Centro Universitário FAMETRO. Enfim, a centralidade desse espaço de lazer está situada em meio a uma das áreas mais valorizadas da cidade.

No parque, naquela data, por volta das 17 horas, os grupos estavam chegando. O Maracatu Eco da Sapopema comemorou oito anos em Manaus, com quatro alfaias⁵(com dois homens e duas mulheres) entre outros instrumentos, estandarte e integrantes. O Maracatu Quebra Muro, o Maracatu da Cacilda, o Maracatu Baque Mulher, o Maracatu Nação GEAP e o Maracatu Pedra Encantada também estavam presentes. O registro no

5 Instrumento musical artesanal de percussão, tambor usando nos maracatus de baque virado, elemento fundamental para diferenciar esse tipo de maracatu dos chamados maracatus de orquestra ou também conhecidos maracatus rurais.

Parque Ponte dos Bilhares se encontrava em data fora do carnaval. Mas aconteceu também no sábado 5 de março de 2011, dia carnavalesco conhecido como sábado de Zé Pereira na Avenida Darcy Vargas em frente ao Amazonas Shopping durante a concentração da saída do chamado Galo de Manaus⁶, o Eco da Sapopema apareceu tocando em meio ao som do frevo de trio elétrico. Tinham quatro alfaias e cantavam e tocavam em referência ao Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife. Na realidade, esse grupo percussivo, que deu início aos maracatus em Manaus, surgiu através de processo migratório quando jovens do Sudeste chegaram nessa cidade para atuar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), portanto, não foi uma via direta de pernambucanos imigrantes no Amazonas.

As oficinas dos grupos de maracatu Eco da Sapopema, Pedra Encantada e Baque Mulher atraem, em geral, um público universitário e costumam iniciar as atividades após às 16 horas se estendendo até o anoitecer, até durar a disposição e a disponibilidade de cada um. Os dias da semana para isso ocorrer eram as sextas-feiras e nos finais de semana (sábados ou domingos). No caso de ser em um evento cultural na cidade, a participação de um desses grupos pode ser com oficina, ensaio ou cortejo. Essa atividade começa quando os instrumentos musicais são organizados no chão e as pessoas escolhem pegar um para tocar. Como os locais são abertos, o som alto tende a atrair um público curioso e essas pessoas são convidadas a participar podendo escolher qualquer instrumento que se encontra no chão. Em seguida, as explicações são repetidas até a pessoa adquirir domínio no material e quando todos estiverem com o mesmo ritmo. Tocam das 16 horas podendo ir até às 21 horas. Em 2018 participamos de duas oficinas do Eco da Sapopema, quando aprendemos a tocar o agbê⁷ através de uma explicação fácil e simples da qual os integrantes diziam que deveríamos manusear o instrumento simulando o formato de uma onda que aos poucos vai acelerando até chegar no ritmo.

6 Bloco carnavalesco criado em 2004 por pernambucanos que vieram morar na capital amazonense, faz referência ao Galo da Madrugada do carnaval recifense.

7 Instrumento musical feito com uma cabaçaseca cortada em uma das extremidades e envolta por uma rede de contas originariamente associado ao afoxé, mas recentemente introduzido a alguns maracatus.

Figura 4 - Oficina de maracatu do grupo Eco da Sapopema – Bairro de Cidade Nova, Manaus - AM



Fonte - Autoria própria (Setembro/2018)

O Eco da Sapopema (Fig. 4), como primeiro grupo em Manaus, tem o costume de convidar os outros maracatus locais para as suas festas, quando se apresentam juntos. No aniversário do ano 2018 que presenciamos na Associação dos Servidores da Universidade Federal do Amazonas- ASSUA, apenas o Baque Mulher (Fig. 5), realizou uma apresentação, porém o número de convidados era superior ao número padrão dos grupos de batuqueiros. Supõe-se que os participantes dos grupos se misturaram ao Baque Mulher apenas para tocarem junto naquele momento de celebração.

Figura 5 - Aquecimento para apresentação do Baque Mulher em festa de Aniversário do Eco da Sapopema na ASSUA/UFAM, Manaus - AM.



Fonte - Autoria própria (Junho/2018)

O Maracatu Pedra Encantada (Fig. 6) foi fundado em 2016 por um dos antigos integrantes do Maracatu Eco da Sapopema, suas cores correspondentes são laranja e vermelho, enquanto o símbolo de estandarte é uma pedra, alguns de seus integrantes são jovens universitários e realizam as apresentações tanto em eventos culturais quanto acadêmicos, lutando contra a intolerância religiosa, preconceito, racismo e feminicídio.

As atividades desse grupo são mais constantes, independentemente da causa social, eles se envolvem nas manifestações e nos eventos nos quais sejam bem recebidos e se identifiquem, por exemplo, com as manifestações ocorridas em 2019 no Centro de Manaus contra a reforma da previdência e em defesa da educação. Esses jovens batuqueiros acreditam que a luta é a mesma tanto em questões econômicas quanto sociais.

As apresentações desse grupo na Universidade Federal do Amazonas ocorreram justamente pelo fato deles receberem convites como o do Centro Acadêmico de Geografia em aberturas ou encerramentos de determinados eventos do curso como o VII EEGAM — Encontro de estudantes de Geografia do Amazonas em 2018.

Figura 6 - Maracatu Pedra Encantada no VII EEGAM – Campus da UFAM, Manaus - AM.



Fonte - Autoria própria (Novembro/2018)

O Pedra Encantada realizou durante o carnaval de 2019 diversas apresentações nos espaços públicos da cidade de Manaus, por exemplo: Sambódromo e blocos de rua na Avenida Eduardo Ribeiro e em outras zonas da cidade. Essas apresentações costumavam durar pelo menos uma hora. As aparições seguem uma programação junto a outras atrações, após espetáculos de dança, shows, bandas e outros. As oficinas e os ensaios seguem outra lógica, sendo elas gratuitas, apenas aos finais de semana e aberto ao público,

podendo ser realizadas em praças no centro da cidade, como na Praça Heliodoro Balbi, popularmente conhecida como a Praça da Polícia.

Um dos fatos que podemos observar nesse grupo (Fig. 6) é a presença de integrantes que tocam usando saia durante as apresentações, sendo que, se compararmos com o Leão Coroado, que não permite que batuqueiros vistam saia, há diferença de costume frente ao uso restrito apenas às mulheres.

O Maracatu Baque Mulher Manaus é uma extensão do Maracatu Baque Mulher do Recife, fundado por Mestra Joana Cavalcante, que, diferente dos outros, faz parte de uma rede nacional de maracatu composta apenas por mulheres batuqueiras desde o ano de 2016 na capital amazonense, iniciado a partir da união de mulheres do Maracatu Quebra Muro e Maracatu da Cacilda. No passado, acreditava-se que as mulheres não podiam bater, tocar nas alfaias principalmente. Conforme Jailma Maria Oliveira, em capítulo sobre a participação das mulheres nos maracatus, que se encontra no livro organizado por Isabel Cristina Martins Guillen (2013), intitulado Inventário Cultural dos Maracatu Nação, a inserção de mulheres foi considerada um ganho social, mas suas posições dentro do batuque ainda são vistas com estranheza e crítica. (OLIVEIRA, 2013). Por essa razão, o grupo Baque Mulher contribuiu na luta pelos direitos das mulheres, contra a intolerância, racismo e busca constante do empoderamento feminino, participando em eventos e reuniões focados na causa feminina, bem-estar e saúde da mulher.

Esse grupo realiza um menor número de oficinas e por essa razão só foi possível a prática da observação no começo da pesquisa. Essas atividades ofereceram a chance de interagir e conhecer o maracatu em Manaus. A hipótese é que, pelo fato do grupo ser composto por mulheres, existem outras responsabilidades e pouco tempo livre para repassar o aprendizado, havendo nos eventos trabalhadoras, mães de família e crianças que já praticam maracatu o que ocasiona uma carga maior de tarefas.

MAPEAMENTO DAS OFICINAS DE MARACATU EM MANAUS NOS ANOS DE 2018 E 2019

Sabemos que os antigos maracatus recifenses saíam em cortejo a pé de suas casas-sedes, caso do Leão Coroado e do Elefante, com destino a Igreja do Rosário dos Homens Pretos (GUERRA-PEIXE, 1980 e SANTANA, 2012). Hoje percursos semelhantes têm sido abreviados mediante o uso de transporte como os ônibus. A dinâmica de ocupação do espaço urbano obedece a uma série de fatores que depende dos maracatus terem um local para práticas, conforme relatado: “vê-se a necessidade de sair das periferias em direção aos lugares centrais do Recife” (SANTANA, 2012, p. 58). No caso, o maracatu Leão Coroado, situado atualmente em Águas Compridas, periferia de Olinda, foi fundado no bairro de Boa Vista, no grande centro do Recife, lugar onde permaneceu por um tempo até se mudar para Afogados e depois para Água Fria. Por mais de 160anos, portanto, desde o ano de 1863, mantém um deslocamento de suas casas-sede conforme o crescimento da grande Recife.

Há que se considerar que, por muito tempo, os maracatus nação recifenses não possuíam sede própria, mas uma casa de algum integrante que também funcionava como local para guardar instrumentos, realizar ensaios e cultos religiosos. Esse problema se reproduz e se revela existente entre os grupos de maracatus manauaras. Uma tendência em alguns grupos percussivos é cada participante guardar os instrumentos nas respectivas residências individualmente.

Ademais, em Manaus, a dinâmica urbana de deslocamento é diferente pois não há um local propriamente determinado, com referencial religioso, para as atividades dos grupos e suas funções, fazendo com que os maracatus, coletivos de jovens, estudantes, artistas, etc., se apropriem de praças, parques, campos e do centro urbano para a realização de suas atividades, porém esses locais abrigam inúmeras outras práticas, variando com apresentações de grupos de dança, capoeira, venda de artesanato a comércio em geral.

Apesar disso, há que se considerar duas aproximações dos grupos manauaras com expressões da religiosidade de matriz africana nessa cidade: a primeira liga-se ao Quilombo São Benedito no bairro da Praça 14 de Janeiro, referência negra no Amazonas, durante as celebrações do 20 de Novembro (Dia da Consciência Negra) e a segunda marca

a participação no evento conhecido como o Balaio da Oxum nas festividades de Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro, realizado por meio do Conselho de Tradições de Matrizes Africanas do Amazonas (CTMAA) no Complexo Turístico da Ponta Negra, zona Oeste de Manaus. Em 2018, esse evento contou com a participação do Maracatu Pedra Encantada, Maracatu Baque Mulher, Maracatu Eco da Sapopema (MANAUS, 2018) O Maracatu da Cacilda, por estar associado a Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, no bairro Coroado, zona leste de Manaus, possui um local reservado para a prática das oficinas e demais apresentações, porém sem divulgação em rede social. Este aparentemente era o único a possuir um lugar fixo para a realização dos ensaios, pois os outros grupos têm características itinerantes.

O Maracatu Quebra Muro utilizava as cores amarelo, verde e vermelho e tinha como símbolo um macaco, mas com pouca divulgação “online” com o último registro no *Facebook* em 2020 e no *Instagram* foi em 2022. O grupo era formado por pacientes e profissionais de saúde do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, na Zona Norte de Manaus, onde mantinham uma base para praticar o maracatu. Os eventos de saúde mental têm recebido a contribuição do Maracatu Quebra Muro, como afirma apostagem do Fórum Amazonense de Saúde Mental de 11 de outubro de 2016 em sua página no *Facebook*, onde também aparece na programação do “Dia Mundial da Saúde Mental” datado de 10 de outubro de 2016. Observou-se ainda a pouca divulgação de ensaios, oficinas e outras atividades.

O Maracatu Nação GEAP (Grupo de Expressões Artísticas e Populares) têm as cores amarelo e vermelho como característica e atua através da dança e o esporte, mas não houve participações em eventos desde fevereiro de 2017 quando confirmaram presença no evento no dia da Consciência Negra na feira do Passo a Paço⁸ realizada na Praça Dom Pedro II, no Centro de Manaus. Evento divulgado pelas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*).

Seguindo essa lógica se pode concluir que os grupos com maior atividade hoje na cidade são apenas três: Eco da Sapopema, Baque Mulher e Pedra Encantada que mantém comunicação e parceria com os eventos culturais da capital amazonense. O Maracatu Eco da Sapopema tem atuado também no Espaço Cultural Muiraquitã, localizado na Zona Leste de Manaus. Esse espaço vem servindo de base para a realização de oficinas de

8 Instituto Amazônia. Feira do Paço 2018. Disponível em: <https://institutoamazonia.org.br/feira-do-paco-2018-tem-nova-edicao-nos-proximos-dias-10-e-11-de-novembro/>. Acesso em: 14 jul.2019

baque virado desse grupo. Há entre os integrantes forte uso das redes sociais para divulgação das atividades e oficinas que realizam.

A rua expressa um lugar privilegiado para a realização dos grupos de maracatus de baque virado em Manaus. Diversas formas de apropriação na e da cidade estão ligadas às relações com as quais os grupos existentes em Manaus se acomodam nas vias públicas, nos largos, nos parques durante ensaios e as transformam em um lugar de cultura e lazer.

A medida em que essas práticas vão se tornando aceitas nesses espaços, os grupos passam a voltar com regularidade transformando essas porções da cidade em lugares cativos. Segundo a autora Ana Fani Alessandri Carlos “os usos da rua, as formas de apropriação são momentos privilegiados para o entendimento de como se organiza a sociedade em hábitos e costumes, pois a rua se liga à ideia da construção dos caminhos que junto com a casa criam o quadro de vida.” (CARLOS, 1996, p. 87).

Observamos que algumas das oficinas conduzidas pelo Maracatu Pedra Encantada, que foram realizadas próximo às antigas áreas de ocupações irregulares, hoje revitalizadas através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM) pelo governo do Amazonas, conseguiram uma quebra dos "intramuros". Ou seja, os moradores que residiam nessas proximidades deixaram suas residências para participar e observar essas oficinas. Isso é algo que faz com que os membros das famílias, em geral, os mais jovens, participem dessas práticas, porque chamam atenção através da cultura, distraindo as pessoas, quebrando suas rotinas e trazendo ânimo e agitação a essas áreas, que poderiam ser caracterizadas como praças e academias ao ar livre. Esses espaços são produto das intervenções urbanísticas do PROSAMIM que estabeleceu um padrão de reassentamento de famílias pobres, que moravam nas antigas palafitas nos igarapés de Manaus, no intuito de saneá-los, construir unidades habitacionais em edifícios de três pavimentos e abertura de espaços livres abertos com tratamento paisagísticos em vários pontos da cidade. Um desses é chamado Mestre Chico, no Centro, onde registrou-se a realização de oficinas. Os grupos de maracatu ocupam essas áreas periféricas justamente com o propósito de levar sua cultura e atrair a atenção dos jovens que muitas das vezes não tem oportunidade de mudar suas vidas por meio da cultura. Há ainda a ideia de que a participação desses jovens nas oficinas culturais possa afastá-los do tráfico de drogas e da criminalidade que atinge essas regiões. Outra motivação para esse grupo de maracatu ter escolhido uma dessas áreas de intervenção do PROSAMIM, no caso, o da Glória, bairro no igarapé do São Raimundo, era devido à conveniência de ser próximo a casa de

um dos integrantes do Pedra Encantada, o que facilitava o transporte dos instrumentos, que são grandes e numerosos.

Os moradores da cidade hoje vivem acostumados com as pessoas trancadas em suas residências sem interação com a vizinhança, porém, com a ocorrência de eventos, como

alguns dos maracatus manauaras, moradores curiosos aproximam-se das apresentações para simples observação e/ou contemplação e até mesmo participar das oficinas. Isso

acontece entre as crianças principalmente. O significado do termo “intramuros”, segundo Carlos, remete a práticas que antes eram ocasionais nas ruas e hoje foram confinadas em condomínios, por exemplo, definindo cada ser em uma particularidade (CARLOS, 1996. p. 87). Assim, o papel do maracatu, ao ser uma prática, em especial, ao ar livre, é convidar as pessoas a saírem de suas casas. Há, entretanto, registros de apresentações em interiores como dentro do Teatro Amazonas.

Com base em atividades como essas, realizadas em locais como os PROSAMIM de Manaus, os grupos de maracatu não podem ocupar todos os espaços da cidade por causa do som que os instrumentos fazem. O batuque feito é considerado incômodo para muitos dos que frequentam o ambiente, pois o som das alfaias é mais potente que de tambores comuns, além do fato do horário das oficinas se prolongarem até o anoitecer, podendo ter um som inconveniente porque pode tirar o descanso daqueles que retornam as suas casas após um longo dia de trabalho. Isso também explica a tendência de os grupos de maracatu escolherem locais abertos para ensaiarem, assim o som não fica abafado. Muitas dessas praças e parques estão a relativa distância das residências. A essas observações feitas em campo somam-se alguns relatos de integrantes e comentários do público ouvinte expressando desagrado ao redor dos grupos enquanto tocavam, durante as vivências obtidas mediante pesquisa participante. Esses espaços de atuação poderiam ser classificados naquilo que Carlos conceituou como “gueto urbano”, ou seja, “uma comunidade articulada e definida a partir de uma forte identidade que liga as pessoas ao grupo e que produz um espaço determinado por quantidades específicas, marcadas por relações sociais diferenciadas.” (CARLOS, 1996 p. 74).

Ao contrário do maracatu pernambucano onde as heranças africanas negras resultam de resistência e luta constante, os grupos de maracatu em Manaus não podem ser definidos pela cor ou ancestralidade de seus integrantes, mas pela afinidade que têm entre si, como o fato de serem simpatizantes do movimento negro e indígena, na medida

em que se expressam em defesa das minorias invisibilizadas no decorrer da história na região Norte. A sociabilidade entre os batuqueiros em Manaus se desenvolve em atividades culturais através de seus laços e, portanto, trata-se de um círculo de pessoas que se conheceram em outras ocasiões: manifestações políticas, palestras, eventos culturais. Esses maracatus se reproduzem pelo amor à cultura, uma vez que o reconhecimento cultural traz pouco retorno financeiro e reconhecimento.

Figura 9 - Oficina de Maracatu Eco da Sapopema – Setor Sul do campus da UFAM em Manaus - AM.



Fonte - Autoria própria (Novembro/2018)

Abaixo (Fig. 10) estão registradas as oficinas através de um mapa de Manaus identificando os locais onde os três grupos (Pedra Encantada, Baque Mulher e Eco da Sapopema) costumavam praticar o baque virado no espaço urbano. É possível classificar essas oficinas quanto à localização de modo que as do Baque Mulher ocorrem nos bairros da zona sul (Centro) e leste (Coroado), as do Pedra Encantada na zona sul (Centro) e centro sul (Parque 10 de novembro) e as do Eco da Sapopema nas zonas centro sul (Parque 10 de novembro), zona leste (Coroado) e zona norte (Cidade Nova).

acabam participando das oficinas, onde os membros dos grupos mostram-se solícitos e pacientes no ato de ensinar a prática dos instrumentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse trabalho foi feita investigação com esses grupos percussivos em Manaus para identificar como se apropriam do espaço urbano e obtêm legitimidade, além de assinalar os territórios conquistados por meio de fatores motivadores, tais como eventos culturais e oficinas ou caracterização dos batuqueiros que compõem esses maracatus na prática da música e da dança. Aqui, alguns fragmentos de experiências das práticas sociais no espaço urbano de Manaus sob a influência cultural dos maracatus pernambucanos. Portanto, a chegada do maracatu de baque virado se deu por fluxos migratórios exógenos, ou seja, sem uma relação direta com os nordestinos oriundos da Região Metropolitana do Recife. O processo de difusão cultural das antigas nações do estado de Pernambuco atinge a capital amazonense de modo relativamente tardio e mais complexo por volta de 2009 via geração secundária dos chamados grupos percussivos de baque virado do Sudeste brasileiro.

O maracatu também convém ao uso educacional. Com base na Lei 10.639 (BRASIL, 2003), o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira a prática do maracatu é uma forma apropriada para a educação básica. Todavia, não foi observado um planejamento para a atuação dessas práticas na cidade, embora seja através das oficinas gratuitas que se pode dar início à realização desse aprendizado como atividade complementar. O Maracatu da Cacilda talvez tenha desempenhado esse papel devido a vinculação com a Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, situada no bairro do Coroadó em Manaus. O Maracatu Nação GEAP, que faz o cortejo real, também é fruto de trabalho em ambiente escolar.

Um dos obstáculos em adotar esse método na educação é a resistência que o modelo educacional tem com a ideia de mudanças. Durante o acompanhamento das oficinas foi observado que existe um interesse do público jovem, adultos e de educadores em adotar o maracatu como prática de aprendizagem artística. Esse trabalho expõe o maracatu como prática que não pode ser ignorada, merecendo visibilidade e estudos atribuídos a ela. Manaus possui uma história através da trajetória de seis grupos, cada um

deles defendendo um tema. O maracatu é uma forma da negritude se apropriar do espaço que o modela, variando o uso conforme o que se fizer da espacialidade, a partir da atuação política, educacional e cultural. Os grupos de maracatu em Manaus se somam a um processo de ampliação da visibilidade da cultura afro-brasileira na Amazônia e, em particular, na capital amazonense. O uso do espaço público e do centro da cidade aumenta essa possibilidade de romper com um relativo ocultamento da presença negra em Manaus.

As páginas e perfis nas redes sociais de pessoas e grupos de maracatu expressam essa tendência e dão funcionamento ao fenômeno de difusão dessa prática cultural por meio das possibilidades da comunicação. Postagens com anúncios dos dias, das horas e dos locais das oficinas e das apresentações são seguidas por fotografias e vídeos que estabelecem relações para além dos limites da cidade de Manaus. Ressalta-se que as informações registradas em redes como o *Facebook* e o *Instagram*, além de páginas na internet e meios jornalísticos complementaram o processo investigativo que teve no trabalho de campo a principal forma de aproximação dos conteúdos em estudo.

Embora haja ocasiões em que alguns maracatus realizem percursos como os de uma passeata, aderindo às causas políticas específicas, boa parte das aparições desses grupos se dá em forma de roda ou enfileirados e relativamente parados num dado espaço de Manaus. Apesar de não listados plenamente aqui, diversos locais culturais da cidade vêm sendo ocupados com atividades e apresentações dessas novas práticas manauaras, expressando influências pernambucanas e afro-brasileiras em meio a questões de gênero, raça e classe no contexto amazônico. Não é sem conflito que essas formas de ocupação de espaços da cidade vêm se dando. Na realidade, parte do aspecto itinerante desses maracatus é devido a uma busca por espaço permitido para a prática do baque virado. Ocupar o Largo São Sebastião requer, por exemplo, autorização prévia. Ademais, a disseminação dessas práticas culturais conta com a articulação de algumas pessoas centrais que têm se envolvido no maracatu com papel de liderança e coordenação de trabalhos sociais e colaboração na organização interna desses grupos. Resumindo, o uso do espaço urbano em Manaus tem difundido a cultura e a arte do maracatu de baque virado nessa cidade e vem sendo somada às formas de expressão afro-brasileira do Amazonas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Jurandyr da Cruz. Identificação botânica de árvores de floresta tropical úmida da Amazônia por meio de computador. *Acta Amazônica*. 28(1):3-3. Mar./1998. <https://doi.org/10.1590/1809-43921998281030>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/aa/a/66chNT5Y5FnCbDsBHPxDxHQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 fev. 2024.

AMAZONAS, Assembleia Legislativa do Estado do. Lei Ordinária nº 84, de 08 de julho de 2010. INSTITUI no Calendário Oficial do Estado do Amazonas o dia 20 de novembro, data de aniversário da morte de Zumbi dos Palmares e Dia Nacional da Consciência Negra, como feriado estadual. Manaus, ALEAM, 08 jul. 2010. Disponível em: <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2010/2873/2873_texto_integr_al.pdf> Acesso em: 11 abr. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil; SILVA, José Maria da. (Org.) **Culturas populares em meio urbano; Arte e performance no Festival de Parintins**. Manaus: Edua, 2012.

BRASIL. Lei No 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Sobre o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 29 mar. 2023

CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: HICITEC, 1996.

FERREIRA, Cleison Leite e ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco e a Expansão de Grupos no Brasil e no Mundo. *Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território*, v.7, n.2 (2016), p. 17:31 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v7i2.19094>. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/ciga/editor/issueToc/1723>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. **Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990**. 2016. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco: 2016.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Recife: Irmãos Vitale; Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MACCORD, Marcelo. **O Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio: alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872**. Campinas, SP: UNICAMP, IFCH, Depto. de História. 2001. [Dissertação. Orientador: Prof. a Dr.a Silvia Hunold Lara].

MANAUS, Prefeitura. **Balaio da Oxum conta com apresentações artísticas e caminhada contra intolerância**. Manaus: Prefeitura de Manaus, 2018. Disponível em: <<https://www.manaus.am.gov.br/noticias/cultura/balaio-oxum-caminhada-ponta-negra/>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

OLIVEIRA, Jailma Maria. Mulheres nos maracatus-nação pernambucanos: mudanças nas relações de gênero. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. (org.) **Inventário cultural dos maracatus nação**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. p. 139-163.

SAMPAIO, Patrícia Melo. Escravos e escravidão na Amazônia. In: SAMPAIO, Patrícia Melo (Org). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Açaí/CNPq, 2011. p. 13-42

SANDRONI, Carlos. Tradição e suas controvérsias no maracatu de baque virado. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Inventário cultural dos maracatus nação**. Recife: Editora UFPE, 2013. p. 27-47.

SANTANA, Paola Verri de. **Maracatu: a centralidade da periferia**. 2006. 366 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006.

_____. **Maracatu-nação: festa na cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012. 376 p.

SILVA, Jamilly Souza da. A festa de São Benedito no bairro da Praça 14 de Janeiro, em Manaus. BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.) **Culturas populares em meio urbano**. Manaus: Edua, 2012. p. 227-240.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Edufmg, 2002. 387 p.

JORNAIS CONSULTADOS

ACRÍTICA. Maracatu de opinião: movimento cultural comemora dois anos com oficinas gratuitas. **Acrítica.** Manaus, 10 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.acritica.com/entretenimento/maracatu-de-opini-o-movimento-cultural-comemora-dois-anos-com-oficinas-gratuitas-1.185937>> Acesso em: 28 mar. 2023.

ACRÍTICA. Maracatu Eco da Sapopema celebra seus sete anos com muita música. **Acrítica.** Manaus, 15 jun. 2016. Disponível em: <[https://www.acritica.com/entretenimento/maracatu-eco-da-sapopema-celebra-seus-sete-anos-com-\(muita-musica-1.138901](https://www.acritica.com/entretenimento/maracatu-eco-da-sapopema-celebra-seus-sete-anos-com-(muita-musica-1.138901)> Acesso em: 28 mar. 2023.

ALVES, Cléia. Maracatu Maracatu Baque Mulher Manaus. **CulturArte e Pesquisa:** Espaço para falar sobre cultura e pesquisas sobre dança, música, vídeos e educação. Manaus, 02 jan. 2017. Disponível em: <<https://culturarteepesquisa.blogspot.com/2017/01/maracatu-baque-mulher-manaus.html>> Acesso em: 28 mar. 2023.

D24AM. Maracatu Eco da Sapopema celebra cinco anos de sucesso. **D24am.** Manaus: Grupo Diário de Comunicação, 04 jun. 2014. Disponível em: <<https://d24am.com/plus/maracatu-eco-da-sapopema-celebra-cinco-anos-de-sucesso/>> Acesso em: 28 mar. 2023.

D24AM. Parque dos Bilhares oferece oficina gratuita de maracatu. **D24am.** Manaus: Grupo Diário de Comunicação, 05 jul. 2017. Disponível em: <<https://d24am.com/plus/artes-e-shows/parque-dos-bilhares-oferece-oficina-gratuita-de-maracatu/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FEITOZA, Laynna. Caprichoso chama primeira mestra de maracatu no mundo para festival. **Acrítica.** Manaus, 27 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.acritica.com/parintins/caprichoso-chama-primeira-mestra-de-maracatu-no-mundo-para-o-festival-1.66819>> Acesso em: 28 mar. 2023.

G1 AM. Oficina gratuita ensina técnicas de maracatu no Liceu Claudio Santoro, em Manaus. **G1 AM.** Manaus: Rede Amazônica/Globo, 04 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/oficina-gratuita-ensina-tecnicas-de-maracatu-no-liceu-claudio-santoro-em-manaus.ghtml>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

G1 AM. Tacacá na Bossa terá Casa de Caba e Maracatu Pedra Encantada, em Manaus. **G1 AM.** Manaus: Rede Amazônica/Globo, 11 abr. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/tacaca-na-bossa-tera-casa-de-caba-e-maracatu-pedra-encantada-em-manaus.ghtml>> Acesso em: 28 mar. 2023.

MANAUS, Prefeitura de. Oficina de Maracatu para iniciantes no Parque Municipal Ponte dos Bilhares. Prefeitura de Manaus. Manaus, 09 jan. 2017. Disponível em: <<https://semmas.manaus.am.gov.br/oficina-de-maracatu-para-iniciantes-no-parque-municipal-ponte-dos-bilhares/>> Acesso em: 28 mar. 2023.

RT. Rede Tiradentes. Parque dos Bilhares terá celebração da cultura negra nesta segunda-feira. **Rede Tiradentes**. Manaus, 20 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.redetiradentes.com.br/parque-dos-bilhares-tera-celebracao-da-cultura-negra-nesta-segunda-feira/>> Acesso em: 28 mar. 2023.

RT. Rede Tiradentes. Ponta Negra terá área exclusiva para manifestações culturais e religiosas de matriz africana. **Rede Tiradentes**. Manaus, 29 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.redetiradentes.com.br/ponta-negra-tera-area-exclusiva-para-manifestacoes-culturais-e-religiosas-de-matriz-africana/>> Acesso em: 28 mar. 2023.

Artigo recebido em: 22 de maio de 2023

Artigo aceito em: 29 de março de 2024.

Artigo publicado em: 14 de junho de 2024.